

Douglas Rodrigues da Conceição
Universidade do Estado do Pará, UEPa
abismos@gmail.com
Brasil

Resumo

Stefan Zweig (1881-1942) e parte de sua literatura guardam uma íntima relação com o Brasil. Foi neste país, país que acolheu inúmeros exilados, país do poema “Canção do exílio”, onde o escritor austríaco viveu os últimos meses de sua vida. Nesta proposta de comunicação, tentaremos demonstrar que em determinados escritos de Zweig associados à sua relação com o Brasil, como em algumas cartas redigidas entre 1941 e 1942, e que foram coligidas sob o título de *Lettres d’Amérique*, é possível encontrar ecos de conotação escatológica ambigualmente entrelaçados a uma evocação paradisíaco-poética deste país. Estaríamos, assim, diante de uma escritura que exalta a terra que acolheu o escritor-estrangeiro e que testemunha o seu confronto com a finitude e a sua experiência com a hospitalidade em solo brasileiro.

1. De 1936 a 1942: passagens pelo paraíso

O adeus deixado por Stefan Zweig sobre sua mesa de trabalho foi encontrado pelo seu amigo Leopold Stern. Nele, em tom quase confessional, o escritor dizia se sentir impulsionado, “antes de deixar esta vida”, a cumprir um último dever: “agradecer profundamente a este admirável país, o Brasil, que proporcionou, a mim e à minha obra, tão amável e acolhedora hospitalidade”¹.

A relação de Zweig com o Brasil iniciou-se nos idos dos anos 30, quando passara pela primeira vez por este país, muito provavelmente por força de um convite de Abrahão Koogan, um jovem editor. Era então 21 de agosto de 1936 quando Stefan Zweig desembarcara no cais do Rio de Janeiro, na praça Mauá. No seu cartão de desembarque constava então aquela condição que subjetivaria a sua existência e os seus laços com o

¹ Tradução concebida a partir da que foi realizada em francês pelo amigo de Stefan Zweig, Léopold Stern. Esta tradução de Stern encontra-se no pequeno livro publicado ainda 1942, pouco tempo depois da partida de Zweig e que foi intitulado “La mort de Stefan Zweig”.

Brasil e que jamais deixaria de ser a sua até 1942 com o suicídio cometido: a condição de ser “hóspede[...]”².

A experiência de Zweig com o Brasil foi vertiginosa. O fascínio pelo país, onde passaria os últimos meses de sua vida, nasceu em 1936 ao realizar a viagem que não duraria mais que 12 dias³. Em carta datada de 17 de setembro de 1936, Zweig diz a Raoul Auerheimer que sua viagem à América do Sul havia sido maravilhosa, sobretudo os doze dias no Brasil que seriam para ele “eternamente inesquecíveis”⁴. E diria ainda na mesma carta: “o Brasil é um paraíso [...]”⁵. Neste mesmo ano, conhece Petrópolis, cidade onde sua partida derradeira se consumaria em 1942.

O mergulho cada vez mais profundo da Europa em direção à sua autodestruição amplia a fissura já existente entre Stefan Zweig e o seu mundo. Vê-se judeu como nunca e a Europa em ruínas. O Brasil, afirma Alberto Dines, tornar-se-ia, portanto, o “Éden que procurava”⁶. Na declaração final escreveria: “Em parte alguma eu teria adorado tanto reconstruir a minha vida”. Zweig estaria neste momento completamente tomado pela antecipação do fim ao ver o seu lar espiritual, a Europa, em franca marcha rumo à sua autodestruição.

O caminho de volta ao Brasil é iniciado em 19/06/1940. Ao lado de sua jovem esposa, Zweig parte da Inglaterra para New York sem dar adeus ao velho mundo. Não voltaria jamais à Europa. O escritor não se convence de que New York representava uma chance de reencontro o idílio perdido. Longe da guerra e próximo de muitos judeus exilados, Zweig não sente se reconciliado. Em 09/08/1940 embarca, então, para o Brasil. Chega ao país do futuro exatamente na mesma data na qual chegara 4 anos antes, 21 de

² Cf. Dines, Alberto. *Morte no paraíso*, p. 35.

³ Cf. Dines, Alberto. *Morte no paraíso*, p. 19.

⁴ Carta a Raoul Auerheimer, de 17 de setembro de 1936.

⁵ Carta a Raoul Auerheimer, de 17 de setembro de 1936.

⁶ Cf. Dines, Alberto. *Morte no paraíso*, p. 75.

agosto⁷. Aos olhos de Zweig, a civilização brasileira, paraíso ainda desconhecido, estaria em estágio de germinação. Em entrevista à Agência Nacional, diria: “[...] para nós, que vemos a Europa decadente, isso representa consolo e esperança”⁸. Zweig fizera então, em definitivo, o caminho feito por milhares judeus depois de 1933: o do exílio.

Zweig e Lotte permaneceriam no Brasil até 21/01/1941. Durante o mês de janeiro do referido ano e diante do desejo de escrever um livro sobre o país que o encantara em 1936, Zweig percorreu diversas cidades brasileiras com objetivo de aprofundar suas impressões. Este desejo já havia sido revelado a Abrão Koogan em carta datada de 22 julho de 1940 (Zweig escreve provavelmente de New York): “Neste verão, enfim, eu serei capaz de realizar o meu projeto de voltar à América do Sul, com a minha esposa, e como primeira etapa, tenho a intensão de ir ao vosso maravilhoso Rio para desenvolver os estudos iniciais sobre o Brasil e a partir deles escrever um livro”⁹.

Da literatura do exílio que Zweig produz em solo brasileiro, a partir de 1940, eu destacaria um espesso epistolário dirigido a muitos amigos, à sua ex-esposa Friderike e ao casal Manfred e Hannah, irmão e cunhada de Lotte, respectivamente; destacaria também a controversa obra “*Brasil, país do futuro*”, a novela “*Xadrez, uma novela*” e, por fim, sua autobiografia, intitulada “*O mundo de ontem*”. Sua autobiografia havia sido concluída ainda nos EUA, porém foi retomada no Brasil.

Em carta datada 3/10/1941, endereçada à Hannah, Zweig reconhece não ser de fácil compreensão imaginar que ele e sua jovem esposa vivem num vilarejo serrano no Brasil (referência à cidade de Petrópolis), muito embora confesse compartilhar com Lotte um estado tal de felicidade. E prossegue dizendo que Hannah se talvez tivesse recebido

⁷ Cf. Dines, Alberto. *Morte no paraíso*, p. 298.

⁸ Cf. Dines, 2004.

⁹ Carta a Arahão Koogan, datada de 22 de julho de 1940.

um exemplar do “livro sobre o Brasil,” daí sim ela e Manfred poderiam entender melhor as razões do amor que ele e Lotte possuem pelo país¹⁰.

Embora se sinta hóspede e não cesse de admirar o Brasil – “[...] este país é uma das experiências mais extraordinárias que um homem possa ter hoje”¹¹ – os “males do exílio” sempre se impõem de uma forma ou de outra. Desespero, cauterização das forças e de toda sorte esperança, a necessidade forçada ou voluntária de se falar uma língua que não se conhece. Ou seja: o hóspede, em seu caso, é estrangeiro. Em maio de 1941, antes mesmo de decidir em definitivo pelo seu retorno ao Brasil, Zweig se corresponde com Gisella Selden-Goth onde revela os incômodos com as circunstâncias se sentir estrangeiro, nômade e também o desejo de retornar ao Brasil: “minha situação de estrangeiro não é nada confortável; eu preferiria retornar ao Brasil, mas lá, no coração da mais exuberante natureza, estamos terrivelmente isolados em razão de uma língua impossível de ser aprendida”¹². Ao escrever para Hannah e Manfred, pouco após o seu retorno ao Brasil em 1941, Zweig reaviva de certo modo as linhas escritas à Gisella Selden-Goth: “feliz não digo porque não posso me adaptar a essa vida nômade sem uma casa e sem livros, nós seremos europeus para sempre e nos sentiremos estrangeiros em qualquer parte”¹³.

Alberto Dines, biógrafo brasileiro de Zweig, sugere que o escritor austríaco, face à desintegração vertiginosa do mundo ao qual pertencia, sentia o peso de estar vivo¹⁴. O embate com o sentimento de finitude, com a iminente experiência do fim, não derivaria propriamente do reconhecimento de uma condição que se apresenta à própria existência, mas da profunda consciência da condição de estrangeiro e exilado. De um lugar para o

¹⁰ Cartas da América, p. 191.

¹¹ Carta a Berthold Viertel, de 11 de outubro de 1940 (Teresópolis)

¹² Carta à Gisella Selden-Goth, New York, fim de maio de 1941.

¹³ Cartas da América, p. 182.

¹⁴ Cf. Dines, Alberto. Morte no paraíso, p. 318.

outro, experimentaria aquela “fratura incurável” de que fala Edward Said à respeito do exílio. Em carta à Friderike, já em solo brasileiro, compartilha com ela o sentimento de que sua condição exigiria um recomeço do zero, o esquecimento do que se foi e do que se aspirava e antes de tudo uma vida simples. Diria ainda à Friderike: “[...] passados tantos anos sobrecarregados de inquietude, eu sempre me pergunto onde então encontrar uma fonte da juventude”¹⁵. Como seria possível esquecer o seu lugar na cultura europeia, a sua condição de homem de letras, esquecer a sua língua, elo fundamental entre o Zweig escritor e o mundo que lhe pertenceu? Na carta que escreveu a Franz e à Alma Werfel, datada de 20 de novembro de 1941, Zweig expressa-se de forma profunda:

eu não encontrava nenhuma identidade entre mim e os absurdos que o tempo atual nos impõe – escritor, poeta de uma língua sem ter o direito de escrever nela, alternativamente estrangeiro inimigo e cidadão em outro país, submetido às autorizações, benevolências e permissões em todos os outros, alijado de tudo o que foi uma pátria – a Europa [...] sobrecarregado com malas e privado dos livros, de documentos, e se projetando de lugar em lugar diante deste crescente ódio mortal não somente pela guerra, mas também pela ausência de razão que durante anos a tem tornado possível [...] tudo isso me abateu atrozmente [...] nesta vida nômade, que carrega sobre a cabeça uma tempestade torrencialmente violenta e destruidora, não mais consigo trabalhar [...]

Zweig, contudo, não se demove da imagem idílico-paradisiaca forjada pela sua breve passagem pelo país do futuro ainda em 1936. Esta imagem o acompanhará até o momento final. Diria ainda a Franz e à Alma Werfel que o país onde agora habita, visto que a carta é datada de setembro de 1941, “é um país prodigioso e tocante” por guardar traços que pertencem ao mundo que fora o seu antes da guerra. Diz Zweig: “As pessoas são cordiais, adoráveis, doam-se como os austríacos [...]” e “a natureza”, prossegue Zweig, imagem imediata de tudo aquilo que o paraíso originário sugere, “é encantadora, uma verdadeira orgia de cores e de beleza [...] Aqui, nós nos sentimos muito melhor” [...]

¹⁵ Carta de Stefan Zweig à Friderike Zweig, datada de 10 de setembro de 1941.

¹⁶ Carta a Franz e Alma Werfel. Este fragmento da missiva representaria emblematicamente a forma de hospitalidade à qual se opõe a chamada hospitalidade incondicional, no sentido de Jacques Derrida.

a paisagem é de uma beleza indizível[...]”¹⁷. Enfim: “foi para salvar a mim mesmo que eu vim para a montanha” “[...] eu voltei ao Brasil que eu tanto amo”.

O êxodo de Zweig o levou fisicamente ao paraíso e existencialmente ao deserto. Percebia-se sem pátria, exilado e isolado¹⁸, sem forças e sem esperança. Escreveria o seguinte à Hannah e Manfred: “as dimensões dessa guerra estão acima das nossas possibilidades humanas de previsão e eu tento (em vão) não pensar num futuro distante”¹⁹. Em correspondência a Alberto Cahn admite: “nós retornamos da América terrivelmente esgotados e essas peregrinações de hotel em hotel nos desvanecem enormemente”²⁰. Em missiva à Lise e Jules Romaines escreve: “Faz quase dez anos que eu levo esta vida sempre provisória e incerta [...] Sem raízes uma árvore não se sustenta”²¹.

Desde os EUA, Zweig concentra esforços na redação da sua autobiografia. Ainda nos EUA, em correspondência a Paul Zech, Zweig escreve: “Eu escrevo a história da minha vida para ao menos deixar um documento atestando o que nós da geração mais posta à prova pelo destino depois decênios e séculos, desejamos, procuramos e nos engajamos em fazer”²². O texto final de sua autobiografia é remetido a editores estrangeiros e a Abrahão Koogan dias antes do suicídio. Zweig termina os seus dias fazendo e refazendo a ausculta de sua própria existência; um real exame de si: “escrevo os meus livros em uma espécie de *tour de force* apenas para me convencer que ainda existo, mas sei muito bem o que meu verdadeiro público se foi e que nunca voltará e que estou como aquele personagem de Grillparzers que passa a vida preparando o próprio funeral”²³.

¹⁷ Carta à Friderike, datada de 10 de setembro de 1941.

¹⁸ “[...] aqui, sinto-me aqui completamente isolado e há semanas não recebo uma única correspondência”.

¹⁹ Carta à Hannah e Manfred, p. 201.

²⁰ Carta a Alfredo Cahn, data de 19 de setembro de 1941.

²¹ Carta à Lise e Jules Romaines, datada de 19 de fevereiro de 1942.

²² Carta a Paul Zech, datada de 05 de junho de 1942.

²³ Carta à Hannah e Manfred, sem data, p. 201.

2. Considerações finais

Zweig e Lotte viveram os seus últimos dias numa pequena casa localizada no número 34 da rua que leva ainda hoje o nome do poeta brasileiro Gonçalves Dias. O último ato chamado “Declaração” poderia também ser chamado de “Canção do exílio”. Por ausência de melhor percepção, diria que Zweig, em relação ao Brasil, foi um impressionista. Levando as últimas consequências o ufanismo que sua literatura do exílio revela em relação ao Brasil, Zweig teria sido fiel ao que viu e ao que viveu em solo brasileiro. Nas cartas do exílio (e também no livro “Brasil, país do futuro”) estão recolhidos testemunhos da sua vertiginosa experiência com o país que se tornou não só um paraíso terreno, um deserto, mas também a sua Canãa. A referência à terra prometida aparece ostensivamente em correspondência à Hannah e Manfred: “Sentimos terrivelmente não poder enviar desta ‘Canãa’ café, açúcar, etc. [...]”²⁴. Na introdução ao livro “Brasil, país do futuro”, como quem se move pelas próprias memórias, recupera em primeira pessoa a sua primeira “fotografia” do Brasil: “[...] Fiquei fascinado e, ao mesmo tempo, comovido, pois se me deparou não só uma das mais magníficas paisagens do mundo, nesta combinação sem igual de mar e montanha, cidade e natureza tropical, mas também uma espécie inteiramente nova de civilização”²⁵. Referia-se à chegada ao Rio de Janeiro, em 1936. Após a aparição do “Brasil, país do futuro”, debaixo de inúmeras críticas vindas de diversos setores da intelectualidade brasileira – ao meu ver injustas – permaneceu inviolável o sentimento que nutriu pelo país que o acolheu: o da hospitalidade. Suas cartas, testemunho do seu exílio, demonstram isso.

Na conclusão do seu relato impressionista, o livro “Brasil, país do futuro”, escreveria sob o paratexto “Despedida”: “Quem visita o Brasil, não gosta de o deixar

²⁴ Carta à Hannah e Manfred, datada de 15 de novembro de 1941.

²⁵ Zweig, Stefan. *Brasil, país do futuro*, pp. 10-11.

[...]”.²⁶ Não só retornou ao Brasil em agosto de 1941 como nele permaneceu. Deixa ainda aos amigos e ao Brasil, este lugar que se tornou uma mescla de paraíso, deserto e terra prometida, a sua “Declaração”. Nela está registrada o que eu chamaria muito provisoriamente de dialética da hospitalidade: “a obrigação” do agradecimento ao anfitrião. Tem razão Alberto Dines em dizer que Zweig reconcilia-se com a língua que para o próprio escritor se tornou proscrita, pois escreve o último ato em alemão²⁷. Endereça aos amigos a esperança que não é mais capaz nutrir. Mas antes, agradece ao Brasil, “este admirável país”²⁸. Que possa a sua bela “Declaração” dizer-se por si mesma:

Declaração

Antes de deixar esta vida, por minha própria vontade e com toda clareza que me é possível, sinto-me impulsionado ao cumprimento de um último dever: agradecer profundamente a este admirável país, o Brasil, que proporcionou, a mim e à minha obra, tão amável e acolhedora hospitalidade. Dia após dia eu aprendi a amar este país cada vez mais. Em parte alguma eu teria adorado tanto reconstruir a minha vida, desde que o mundo da minha língua materna obscureceu-se para mim, e que a Europa, minha pátria espiritual, se autodestrói.

Depois dos sessenta anos forças extraordinárias me seriam necessárias para recomeçar inteiramente a minha existência. E as minhas, após esses longos anos de errância e sem pátria, reduziram-se ao nada.

No justo tempo e erguido, considerei terminar esta vida que sempre teve no trabalho intelectual a mais genuína alegria e na liberdade pessoal o bem supremo desta terra.

Eu digo adeus aos meus amigos! Que possam eles contemplar a aurora após a longa noite. Eu, demasiado impaciente, sigo antes o meu caminho²⁹.

Stefan Zweig

Petrópolis 22.II.1942

²⁶ Zweig, Stefan. *Brasil, país do futuro*, p. 294.

²⁷ Cf. Dines, 2004.

²⁸ Em minha ótica, ao Brasil Stefan Zweig dedicou quatro obras: “Agradecimento ao Brasil”, conferência proferida no Rio de Janeiro; um opúsculo intitulado “Pequena viagem ao Brasil”; o livro “Brasil, país do futuro” e a sua última obra, “Declaração”.

²⁹ Tradução provisória feita a partir do texto em francês de Léopold Stern.